

Curso: Filosofia

Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude



Professor Victor Sales Pinheiro

Referência principal:

MACINTYRE, Alasdair. *Depois da virtude* – um estudo em teoria moral. São Paulo: EDUSC, 2001.

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da Virtude
Apresentação

I. Dialético é como o fundador da Filosofia, Platão, designou o filósofo. Partindo da noção coloquial de conversa, dialética significa articular o dado particular com o princípio universal a que ele pertence e relacioná-lo com o todo da realidade. A alteridade da interlocução permite a continuidade da pergunta, da dúvida construtiva, impedindo a imobilização do pensamento numa resposta definitiva. Nesse contexto, o site explora a relação de oposição e convergência do pensamento clássico e do moderno, na ética, no direito, na política e na estética.

II. O Curso de Filosofia explora as principais questões da reflexão filosófica, sua origem em Platão e sua neutralização com Nietzsche, com diferentes metodologias de contextualização e interpretação de autores, comentadores, obras, temas e períodos históricos, tendo como marco a tradição clássica de Platão, Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino.

III. Este módulo *Ética moderna e clássica: Depois da virtude* introduz a problemática central da história da filosofia moral, a partir da obra clássica de Alasdair MacIntyre: o sentido das virtudes, das regras, da comunidade e da autoridade, sublinhando o desafio contemporâneo do individualismo (emotivismo) moral e o relativismo que o caracteriza. A proposta do autor é renovar a ética normativa das virtudes a partir de Aristóteles e Tomás de Aquino.

IV. Sumário

| | |
|--|------|
| Aula 1. Desordem na teoria e na prática morais contemporâneas | p.3 |
| Aula 2. Emotivismo: individuo desenraizado e liberdade abstrata | p.6 |
| Aula 3. O fracasso do Iluminismo: da negação da virtude ao moralismo, utilitarismo e positivismo | p.19 |
| Aula 4. Nietzsche ou Aristóteles? | p.29 |
| Aula 5. Narrativa heróica, função social e crítica das virtudes | p.38 |
| Aula 6.1. Aristóteles e a tradição clássica: virtudes, bens e prudência | p.44 |
| Aula 6.2. Aristóteles: justiça, amizade, bem comum e liberdade | p.50 |
| Aula 7.1. Teoria da virtude: Prática e Instituição | p.55 |
| Aula 7.2. Teoria da virtude: Unidade narrativa de vida e Tradição | p.61 |
| Aula 8. Unidade e hierarquia de bens em Tomás de Aquino | p.67 |
| Bibliografia | p.73 |

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 1. Desordem na teoria e na prática morais contemporâneas

Aula 1. Desordem na teoria e na prática morais contemporâneas

I. Introdução ao módulo: ética (e política) como tema central da Filosofia

1. Preocupação fundamental com a “vida boa” , “felicidade”
 - 1.1. Dimensão Prática (formação moral)
 - 1.2. Dimensão Teórica (formação intelectual)

2. Projeto Dialético articula os dois elementos
 - 2.1. Teoria e Prática
 - 2.2 Modernos e Clássicos

3. Várias abordagens metodológicas
 - 3.1. Temática, como ética
 - 3.2. Corte diacrônico (histórico-hermenêutico), não meramente conceitual-analítico). Mérito de MacIntyre.

II. Contexto do autor: vida e obra

A. Fase inicial (antes de DV)

1. Marxismo

- 1.1. Aristotelismo (homem político) e crítica ao individualismo liberal
- 1.2. Toda ética é social (falácia do individualismo)
- 1.3. Membro do Partido Comunista Britânico (1 ano)
- 1.4. Rejeição dos fundamentos morais (maquiavélicos) do stalinismo

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 1. Desordem na teoria e na prática morais contemporâneas

1.5. Empobrecimento moral do próprio marxismo: decaída no liberalismo, relativismo e utilitarismo

1.6. New Left: marxismo ocidental (Marcuse – Freud)

1.7. Marxismo como herdeiro do universalismo abstrato do iluminismo

2. Cristianismo

2.1. *Marxismo: uma interpretação* (1953): Marxismo e cristianismo como concepções fortes de “verdade” (contra o relativismo).

2.2. *Secularização e mudança moral* (1967): Marxismo e a virtude (secularizada, imanentizada) da esperança

2.3. *Diagnóstico da Universidade*

3. Psicanálise

3.1. *Inconsciente: uma análise conceitual* (1958)

3.2. Preocupação com a ação humana: responsabilidade, imputabilidade

4. Filosofia analítica

4.1. Interesse juvenil pela matemática

4.2. Hegemonia acadêmica na Escócia e Inglaterra

B. Projeto “Depois da Virtude”

1. *Depois da virtude – um estudo em teoria moral* (1981)

2. *Justiça de quem? Qual racionalidade?* (1988)

3. *Três Versões rivais de pesquisa moral: Enciclopédia, Genealogia e Tradição* (1990)

4. *Animais racionais dependentes* (1999)

C. Tomismo: desenvolvimento vital e sapiencial

1. *Edith Stein. Introdução filosófica* (2005)
2. *Deus, Filosofia e Universidades: breve história da tradição intelectual católica* (2009)

III. Características do discurso moral contemporâneo

1. Incomensurabilidade conceitual
 - 1.1. Premissas rivais não podem ser racionalmente contrapostas
 - 1.2. Caráter defensivo, contra-ofensivo, ataque e vitimização, “estridente” : pura afirmação e contra-afirmação
 - 1.3. Argumentos morais não podem ser resolvidos publicamente
 - 1.4. Discussões intermináveis
 - 1.5. Inquietante arbitrariedade privada; Voluntarismo: “choque de vontades antagônicas, cada vontade determinada por um conjunto de opções arbitrárias próprias”

2. Apresentam-se como argumentos racionais impessoais

Aula 2. Emotivismo: individuo desenraizado e liberdade abstrata

I. Contexto da obra *Depois da virtude*

1. AVALIAÇÃO GERAL

1.1. Uma das obras mais compreensivas de filosofia moral do século XX

1.2. Recuperação vigorosa da “Ética das virtudes”

1.2.1 Teleologia clássica (Aristóteles) – virtudes, dever

1.2.2 Deontologia moderna (Kant) – liberdade, direito

1.3. Linguagem não hermeticamente acadêmica, nem vulgar.

Academicismo é um dos sintomas da crise da moral e da universidade

2. PREFÁCIO

1. Contexto geral da “crise da modernidade” : modernismo, romantismo...

1.1. Pós-modernos: Foucault

1.2. Modernistas: Habermas

1.3. Pré-modernos (clássicos): MacIntyre, Strauss

1.4. “Guerra Fria” : capitalismo individualista (liberalismo) e comunismo coletivista (marxismo, suposto herdeiro do cristianismo)

2. “Longa reflexão e inadequação dos livros anteriores” , dedicados à “filosofia moral” (Ética), como disciplina independente e isolável.

2.1. *Breve história da ética* (1966)

2.2. *Secularização e mudança moral* (1967)

2.3. *Contra as autoimagens da época* (1971)

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 2. Emotivismo: individuo desenraizado e liberdade abstrata

3. Três fases:

3.1. Antes de *Depois da virtude*

3.2. Projeto *Depois da virtude*

3.3. Amadurecimento: tomismo

4. Crítica à esterilidade do positivismo de Oxford: análise conceitual pura, sem a História e a Antropologia (MacIntyre também é sociólogo; importância de Weber)

5. Pluralismo (diversidade e heterogeneidade) das crenças morais; comprometimento: descrição e avaliação

5.1. Narrativa histórica e sociológica – ponto de vista normativo

5.2. Relato de ascensão e queda de moralidades

6. Decepção e superação com o marxismo: “grave e maligno empobrecimento moral, tanto devido ao que herdou do individualismo liberal, quanto devido a seus distanciamentos do liberalismo”

7. Conclusão da primeira fase: “os defeitos e fracassos morais do marxismo provêm do grau em que ele, assim como o individualismo liberal, agrega o *ethos* do mundo caracteristicamente moderno e modernizante, e que nada menos que a rejeição de grande parte desse *ethos* nos proporcionará uma perspectiva racional e moralmente defensável a partir da qual julgar e agir – e segundo a qual avaliar os

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 2. Emotivismo: individuo desenraizado e liberdade abstrata

diversos esquemas morais rivais e heterogêneos que competem por nossa adesão.”

- 7.1. Crítica à ética moderna, tanto individualista quanto socialista
- 7.2. Rejeição desse *ethos* moderno
- 7.3. Adoção de uma perspectiva racional e moralmente defensável
 - 7.3.1. Julgar e agir
 - 7.3.2. Avaliar os esquemas morais rivais, heterogêneos, irreduzíveis;
 - 7.3.3. Desafio do Pluralismo relativista
 - 7.3.4. Tradição capaz de avaliar os diversos pontos de vista: tradução aristotélica e, depois, tomista

- 8. Esquema triádico proposto pelo prof. Helder Bueno de Carvalho
 - 8.1. Diagnóstico: fracasso do projeto iluminista: Nietzsche x Aristóteles
 - 8.2. Medicamento: renovação da ética das virtudes (Aristóteles e Aquino)
 - 8.3. Posologia: Tradição de pesquisa racional

II. UMA IDÉIA INQUIETANTE (Cap.1.)

- 1. Hipótese ficcional: fragmentação das ciências naturais

- 2. Pluralismo epistemológico: arbitrariedade e subjetivismo; Relativização da verdade

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 2. Emotivismo: indivíduo desenraizado e liberdade abstrata

3. Desordem da linguagem moral
 - 3.1. Fragmentos descontextualizados
 - 3.2. Premissas incomensuráveis

4. Necessidade de uma história filosófica (Hegel, Collingwood)
 - 4.1. Não neutro em termo valorativos
 - 4.2. Realização e fracasso
 - 4.3. Ascensão e queda (crise, decadência)
 - 4.4. História acadêmica (mito da neutralidade científica): sintoma da catástrofe que gostaria de descrever

5. Os “críticos” de esquerda (radicais) e de direita (conservadores) não percebem que a linguagem moral que empregam está desgastada

6. Aparências da moralidade: Fragmentação da substância da moralidade – virtude

III. DIAGNÓSTICO: RELATIVISMO E FRAGMENTAÇÃO (Cap.2)

1. Caráter interminável dos desacordos morais contemporâneos
2. Linguagem moral expressa discordâncias, “pontos de vista”
 - 2.1. Perspectivismo, relativismo
 - 2.2. Irracionalismo: “não existe meio racional de garantir acordo moral em nossa cultura (pós-moderna)”
 - 2.3. Pluralismo (p. 28)

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 2. Emotivismo: individuo desenraizado e liberdade abstrata

2.3.1. Dialética: diálogo bem ordenado de opiniões em intercessão

2.3.2. Erística: mistura desarmônica de fragmentos mal-organizados (sem consciência de si)

2. Três Exemplos: guerra, aborto, justiça distributiva (liberdade x igualdade)

3. Origens históricas diversas

3.1. Menosprezadas: olhar parcial que despreza os contextos em que as teorias e práticas morais surgiram. Palavras e conceitos sobrevivem como fragmentos descontextualizados

3.2. Tratamento anti-histórico da filosofia acadêmica é sintoma dessa crise: “abstrair esses filósofos do meio social e cultural no qual viveram e pensaram e, assim, a história do pensamento adquire uma falsa independência do resto da cultura” (p.29)

3.3. “Citar nomes pode nos levar a subestimar a complexidade da história e a linhagem de tais argumentações; e pode levar-nos a procurar somente essa história e essa linhagem nos escritos dos filósofos e teóricos, em vez de procurá-los naqueles intrincados corpos de teorias e práticas que constituem as culturas humanas,

IV. CAUSA DA DESORDEM MORAL: EMOTIVISMO (SUBJETIVISMO) (CAP.2)

1. Emotivismo: todos os juízos morais valorativos são *expressões* de preferências pessoais ou sentimentos subjetivos

2. Metaética: debate epistemológico sobre a natureza do juízo moral, do significado do enunciado valorativo

3. Dois tipos de juízos
 - 3.1. Juízos de fato – racionais, científicos: certos (verdadeiros) ou errados (falsos)
 - 3.2. Juízos de valor – irracionais, não-científicos
 - 3.2.1. Expressar: “Isto é bom (para mim)”
 - 3.2.2. Produzir: “Aprovo isto; quero que você também aprove isso.”

4. Três razões do fracasso do emotivismo
 - 4.1. Circularidade vazia: silêncio sobre a identificação e caracterização dos sentimentos expressidos
 - 4.2. Tarefa impossível: equivalência de dois tipos de juízo: expressivo e persuasivo
 - 4.3. Confusão entre significado e uso

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 2. Emotivismo: individuo desenraizado e liberdade abstrata

5. Contextualização histórica do emotivismo: resposta ao intuicionismo

5.1. Ignorar a pretensão de universalidade abstrata

5.2. Origem do emotivismo: Hume (sec. XVIII)

5.3. Desenvolvimento: G.E. Moore, *Principia Ethica* (1903): suposta resolução definitiva da Ética

6. Três características do emotivismo

6.1. Intuicionismo: bom não é uma propriedade natural das coisas, mas aferido por “intuição”, impassível de prova pró ou contra

6.2. Consequencialismo (utilitarismo): nenhum ato é, em si, bom ou mau, apenas por suas conseqüências (antiessencialismo)

6.3. Esteticismo: “afeições pessoais e prazeres estéticos abrangem todos os maiores bens que se possam imaginar”

7. Críticas

7.1. Proposições logicamente independentes

7.2. A 1ª proposição é falsa. A 2ª e a 3ª estão em contradição

7.3. Afirmção, não argumentação

7.4. Soberba e ingenuidade dos defensores: superação de Aristóteles e Cristo

7.5. Contexto histórico explica a teoria: Grupo de Bloomsbury

7.5.1. Já haviam aceitado os valores de Moore, e queriam formulá-los de forma impessoal e objetiva, como se fossem universais

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 2. Emotivismo: indivíduo desenraizado e liberdade abstrata

7.5.2. “Argumentos” para rejeitar todas as afirmações morais, menos as subjetivas

7.5.3. “Apocalipsismo ingênuo e complacente” – suposta libertação do peso do passado

7.5.4. Lacuna entre o significado e a finalidade (uso)

8. Esquema do declínio moral

8.1. Teoria e práticas normativas, principalmente as morais, contêm genuínos padrões objetivos e impessoais que proporcionam justificativas racionais para normas, atos e juízos particulares, que são, por sua vez, suscetíveis de justificativa racional;

8.2. Tentativas mal-sucedidas de garantir a objetividade e a impessoalidade dos juízos morais, em que os padrões se degradam continuamente;

8.3. Teorias emotivistas conquistam ampla aceitação implícita devido a um reconhecimento geral implícito na prática, embora não na teoria explícita, de que não se pode garantir a objetividade e a impessoalidade.

9. Hipótese de MacIntyre: há possibilidade de fundamentação racional, objetiva e impessoal, mas o emotivismo:

9.1. universaliza uma situação particular

9.2. nega os padrões racionais *tout court*

9.3. impede a comparação história de ascensão e queda

9.4. É uma forma de Ceticismo (não há verdade objetiva)

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 2. Emotivismo: indivíduo desenraizado e liberdade abstrata

9.5. É uma forma de Relativismo (todas as moralidades mascaram desejos subjetivos)

10. Hegemonia do emotivismo: incorporou-se na nossa cultura, sob as máscaras da filosofia analítica e continental

10.2. Filosofia analítica (lógica abstrata, formal) não oferece meios para escapar do emotivismo, como teoria do uso, e não do significado

10.2. Filosofia continental tampouco (Nietzsche e Sartre): veto a juízos morais objetivos, com sua retórica poética: "retóricas obscuras e opacas, e as assertivas metafóricas substituem os argumentos" ; "O *Übermensch* e o Existencialismo-marxista sartreano pertencem às páginas de um bestiário filosófico, e não à discussão filosófica séria" ; "forma mais potente e convincente na parte negativa de suas críticas"

11. Tese comporta duas partes

11.1. Identificar a moralidade perdida do passado (dimensão histórica), avaliando suas pretensões de objetividade (dimensão filosófica)

11.2. Identificar a moralidade moderna emotivista

11.2.1. Teorização autoconsciente

11.2.2. Prática cotidiana

II. EMOTIVISMO: CONTEÚDO E CONTEXTOS SOCIAIS (CAP. 3)

1. Filosofia moral (ação individual) pressupõe sociologia (contexto social)
 - 1.1. Platão e Aristóteles, Hume e Smith o compreenderam
 - 1.2. Reduccionismo da filosofia analítica (metaética), de matriz kantiana, de considerar a ação moral no domínio interno e transcendental do numênico

2. Distinção
 - 2.1. Moral kantiana
 - 2.1.1. Dignidade humana: tratar os outros como fins em si mesmos, e não como meios
 - 2.1.2. Generalização da Sociologia e Psicologia da persuasão; Regra de Ouro: o que é bom ou mau para mim, sê-lo-á também aos outros
 - 2.2. Emotivismo – egoísmo:
 - 2.2.1. Negação de critérios impessoais;
 - 2.2.2. Extinção da distinção entre relações sociais manipuladoras e não-manipuladoras (DH' s são retórica do imperialismo ocidental, "soft power" da política internacional)
 - 2.2.3. distinção (positivista) entre a descrição factual e a valoração subjetiva

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 2. Emotivismo: indivíduo desenraizado e liberdade abstrata

3. Uso de “personagens” representativos (“character” – personalidade, caráter)

- 3.1. arquétipos metonímicos que “encarnam” e “materializam” o ideal moral (terias metafísicas) de uma época
- 3.2. crenças individuais e papéis sociais: possibilidade de disjunção, crise: compromisso, dúvida e cinismo
- 3.3. personagens – definições, “ponto focais” para a discordância (Finnis)

4. Ilustração de arquétipos que comprovam a prevalência do emotivismo

4.1. Rico esteta, ociosos e entediados, que manipulam os outros, instrumentalizando-os para seus próprios fins – consumidor de pessoas (H. James; Diderot, Kiekergåard - Egoísmo, egocentrismo, esteticismo)

4.2. Burocrata (Weber, imerso na dicotomia emotivista – positivismo):

4.2.1. Meios: racionalidade técnica dos meios eficientes

4.2.2. Fins: “valores” subjetivos irracionais, injustificáveis (niilismo de Nietzsche, existencialismo de Sartre)

4.2.2.1. Indiferenciação entre poder e autoridade, pela perda da distinção entre relações sociais manipuladoras e não-manipuladoras

4.2.2.2. autoridade burocrática como poder bem-sucedido (pragmatismo)

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 2. Emotivismo: individuo desenraizado e liberdade abstrata

4.3. Terapeuta: técnico burocrata alheios aos fins morais subjetivos, relativos e contingentes

4.3.1. verdade substituída pela eficácia psicológica na educação e religião, que perdem sua consistência objetiva e impessoal

5. O “eu” emotivista moderno:

5.1. abstração de qualquer contexto contingente para julgá-lo a partir de qualquer perspectiva escolhida

5.2. o sujeito não é “nada” (Sartre), ou “nada” além do papel social (Goffman) – relativismo

6. “ Individualismo burocrático”

6.1. Democratização do agir moral: escolha subjetiva dos fins (pluralismo como discordância infundável) – domínio do pessoal, irracionalidade dos fins

6.2. Monopolização elitista dos especialistas (administradores e terapeutas) – domínio do organizacional, racionalidade burocrática dos meios técnicos (razão instrumental, Husserl e Horkheimer)

7. Sociedades tradicionais pré-modernas:

7.1. O “eu” está vinculado, substancializado por vínculos sociais. Sem esses contextos, é um pária, um “alienado”

7.2. Teleologia e tradição (instituições sociais e virtudes) que confere identidade social

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 2. Emotivismo: individuo desenraizado e liberdade abstrata

8. Projeto moderno: libertação (liberdade abstrata)

8.1. Toda hierarquia é repressora

8.2. Superstições teleológicas como naturalização necessária do social contingente.

8.3. Liberdade como autonomia: ausência de vínculos

9. Política oscila entre

9.1 liberalismo

9.2. coletivismo para conter a anarquia da liberdade individual ilimitada

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

**Aula 3. O fracasso do Iluminismo:
da negação da virtude ao moralismo, utilitarismo e positivismo**

**Aula 3. O fracasso do Iluminismo:
da negação da virtude ao moralismo, utilitarismo e positivismo**

**I. História do projeto moderno de justificação racional e secular da moral
(Cap.4)**

1. Insurgência do eu emotivista: cultura secular proveniente da Filosofia racional
 - 1.1. Marginalização da Filosofia Acadêmica
 - 1.2. Filosofia: função social decisiva, agora marginalizada
 - 1.3. Justificativa filosófica, racional (não teológica, religiosa, metafísica):
Moral diferente da religião, arte, direito
 - 1.4. Como o emotivismo (subjetivismo, sentimentalismo, irracionalismo)
pôde derivar do racionalismo (kantiano)?

2. Reconstituição seletiva (retrospectiva) da história da filosofia moral moderna
 - 2.1. Fracassos sucessivos: radicais em Filosofia, conservadores em moral
 - 2.2. Hume e Diderot: apelo ao desejo e paixões
 - 2.3. Kant: apelo à razão abstrata
 - 2.4. Kierkegaard: apelo à escolha (Nietzsche)

3. A obra *Ou, ou* (1842), de KIERKGAARD, demonstra o impasse dessa tentativa incoerente, que mistura elementos antigos e novos, tendo três características principais:

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

**Aula 3. O fracasso do Iluminismo:
da negação da virtude ao moralismo, utilitarismo e positivismo**

3.1. Novo gênero literário: divisão do “eu” , fragmentado em máscaras, disfarces de um “eu” independente, pseudônimos

3.2. Escolha radical, irracional entre a “vida ética” e a “vida estética”

3.2.1. Premissas rivais, escolha “radical” , irracional, subjetiva: “A escolha entre o ético e o estético não é a opção entre o bem e o mal, é optar entre escolher ou não em termos de bem e mal.” (p. 80)

3.2.2. Nietzsche, *Além do bem e do mal*: superar a dicotomia metafísica da moral

3.2.3. Existência autêntica é a que se escolhe

3.2.4. Idéia de autoridade é alheia e repugnante, toda autoridade, fora do sujeito, é irracional e infundada

3.2.5. Ruptura entre autoridade e razão

3.3. O caráter conservador e tradicional da definição (cristã) de ético: “Na nossa cultura, a influência de escolha radical aparece nos nossos dilemas quanto a *quais* princípios éticos escolher.” (p. 84)

3.3.1. Dilema atual é escolher qual tipo de ética, quais princípios, não necessariamente cristãos

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

**Aula 3. O fracasso do Iluminismo:
da negação da virtude ao moralismo, utilitarismo e positivismo**

4. KANT, fundamento de Kierkegaard (ético, religião racional, provas da existência de Deus)

4.1. Duas teses fundamentais:

4.1.1. Se as normas da moralidade são racionais, devem ser iguais para todos os seres racionais, da mesma forma que o são as leis da aritmética.

4.1.2. Se as normas da moralidade são obrigatórias para todos os seres racionais, então a capacidade contingente de tais seres as obedecerem deve ser irrelevante. O importante é sua vontade de obedecê-las

4.2. Kant rejeita duas teses tradicionais

4.2.1. Obediência à máxima conduz à felicidade de um ser racional.

4.2.2. Origem da máxima em Deus

4.3. "A razão prática para Kant não emprega critério externo a si mesma. Pertence à essência da razão estabelecer princípios universais, categóricos e internamente compatíveis. Por conseguinte, a moralidade racional estabelecerá os princípios que podem e devem ser seguidos por todos os seres humanos." (p. 88)

5. DIDEROT: desejos difusos como fonte da moralidade

5.1. ausência de critério: adesão à tradição e à convenção burguesa

5.2. moral infundada se torna "moralismo"

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

**Aula 3. O fracasso do Iluminismo:
da negação da virtude ao moralismo, utilitarismo e positivismo**

(Tabus sexuais; Nietzsche, Kamehameha II)

5.3. Desejos naturais x desejos artificiais

6. HUME: juízos morais particulares como expressões da emoção, das paixões, pois as paixões, e não a razão, que nos impelem à ação (exclui a razão – negativo)

6.1. Paixões normais X Paixões absurdas, aberrantes ou criminosas.

6.2. Solidariedade – ficção filosófica (p. 94-95)

6.3. Fracasso do projeto de oferecer justificativa racional à moralidade

7. Conclusão

7.1. “Assim como Hume procura fundamentar a moralidade nas paixões porque seus argumentos excluíram a possibilidade de fundamentá-la na razão, Kant a fundamenta na razão porque seus argumentos excluíram a possibilidade de fundamentá-los nas paixões, Kierkegaard a fundamenta na escolha fundamental sem critérios devido ao que acredita ser a natureza inapelável das ponderações que excluem tanto as razões quanto as paixões...”

7.2. Cada filosofia se esforça por destruir a outra: “a característica mais importante do debate moral é o poder incessante das argumentações negativas de cada tradição contra a outra.” (p. 96)

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

**Aula 3. O fracasso do Iluminismo:
da negação da virtude ao moralismo, utilitarismo e positivismo**

II. Por que estava fadado ao fracasso o projeto iluminista de justificar a moralidade (Cap. 5)

1. Fracasso devido a circunstâncias históricas bem específicas em comum

1.1. Acordo sobre o conteúdo e o caráter dos preceitos morais: unidade religiosa de fundo: cristianismo (luterano, presbiteriano, jansenista): casamento, honestidade...

1.2. Acordo sobre a necessidade de uma justificativa racional da moralidade: secularização (poder clerical, casta sacerdotal: "intelectuais" , "filósofos"); Argumento jusnaturalista moderno: da natureza humana a normas morais

2. Razões para o projeto iluminista estar fadado ao fracasso

2.1. O que se perdeu na "modernização" . "secularização" , "racionalização" da moral:

2.1.1. As virtudes (teleologia), a educação moral

2.1.2. Sem teleologia (finalidade, virtude)

2.2. A ética pressupõe alguma explicação da essência do homem quanto o seu *telos* humanos. Sem isso, a moral reduz-se a moralismo, formalismo, opressão convenção.

3. Esquema moral clássico (teísta)

3.1. Finalidade e sentido

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

**Aula 3. O fracasso do Iluminismo:
da negação da virtude ao moralismo, utilitarismo e positivismo**

3.2. Para as teologias modernas, (reformadas, Calvino), a razão não fornece compreensão genuína do verdadeiro fim do homem

3.3. Rejeição moderna (teológica, iluminista) da teleologia: natureza, essência, fim.

3.3.1 Se houvesse uma natureza normativa, o homem não seria livre.

3.3.2. Fragmentação e descontextualização do esquema moral ternário

4. Esquema moral que conforma o contexto histórico

4.1. natureza humana sem instrução (potência, projeto)

4.2. homem como poderia ser se realizasse seu telos (atualização, felicidade, plenitude) – negado pelos modernos

4.3. os preceitos morais que o capacitam a passar de um estado a outro.
(educação moral, virtude)

5. Concessão de Kant à teleologia na 2ª Crítica (antes, acreditava que não se poderia extrair os mandados da lei moral a partir de sentenças sobre a felicidade humana ou a vontade de Deus.

6. Falácia naturalista: de premissas factuais não se pode deduzir conclusão com substancial conteúdo valorativo e moral.

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

**Aula 3. O fracasso do Iluminismo:
da negação da virtude ao moralismo, utilitarismo e positivismo**

7. Aristóteles, Ética: homem–viver bem; harpista–tocar bem harpa

7.1. Conceito “funcional” , enraizado de homem: “Ser homem é desempenhar um conjunto de papéis, cada um dos quais tem o seu propósito...”

8. Autonomia ou anomia

9. Consequências políticas e sociais

10. Erro do dualismo acadêmico entre

10.1. História (fatos independentes de ideias)

10.2. História da Filosofia (idéias independentes de fatos)

III. Consequências do fracasso: utilitarismo, moralismo e positivismo (Caps. 6-8)

1. Fracasso do Projeto Iluminista

1.1. agente moral individual soberano, liberto da hierarquia e teleologia

1.2. regras de moralidade herdadas que parecem arbitrárias e individuais, privadas de seu antigo caráter teleológico e de seu ainda mais antigo caráter categórico (vontade de Deus)

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

**Aula 3. O fracasso do Iluminismo:
da negação da virtude ao moralismo, utilitarismo e positivismo**

2. Nova teleologia - Utilitarismo (Intuicionismo, Emotivismo, Pragmatismo, F. Analítica).

2.1. P. Utilidade

2.2. Consequencialismo

2.3. Hedonista: prazeres incomparáveis, incomensuráveis

3. Novo *status* categórico da moralidade: kantismo (formalismo)

4. “O preço pago pela libertação do que parecia ser a autoridade externa da moralidade tradicional foi a perda de qualquer teor de autoridade das candidatas a elocuições morais do recém-autônomo agente. Cada agente moral passou a falar sem as restrições externas da lei divina, da teleologia natural e da autoridade hierárquica (...) mas por que alguém deveria ouvi-lo?” (p. 125)

4.1. Expressão autônoma (emotivista) e manipulação

4.2. Significado e uso

4.3. Atitude incoerente (prática)

4.4. Esquema conceitual incoerente (teoria)

5. Ilustração dessa incoerência: três conceitos fundamentais da modernidade (p.126)

5.1. **Direitos** naturais à vida, liberdade e persecução da felicidade

5.1.1. Sec. XVII

5.1.2. Direitos negativos: liberdade negativa

5.1.3. Direitos positivos (prestacionais): justiça, educação, emprego

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

**Aula 3. O fracasso do Iluminismo:
da negação da virtude ao moralismo, utilitarismo e positivismo**

5.1.4. Aplicação universal e igualitária para todos

5.1.5. Base para pretensões morais particulares

5.1.6. Injustificáveis: truísmos, “intuições” (Dworkin); Dispensam justificativa, indemonstráveis

5.1.7. Ficções (como utilidade): Invenção social de um agente moral autônomo; “falsa racionalidade do debate oculta a arbitrariedade da vontade e do poder” (p. 129)

5.2. Protesto

5.2.1. Indignação como emoção predominante na modernidade

5.2.2. Estridência arrogante, ausência de argumentação, monólogo para convertidos

5.2.3. Farisaísmo – incomensurabilidade

5.2.4. Retórica oculta preferência e desejos arbitrários

5.3. Desmascarar

5.3.1. Os motivos não reconhecidos da vontade e do desejo arbitrário que sustentam as máscaras morais da modernidade

5.3.2. Características “autofágica” , “suicida” da modernidade (Nietzsche crítico do Iluminismo)

5.3.3. Hermenêutica da suspeita

5.3.4. Desmistificar as ideologias

6. “Teatro de ilusões” : ficções morais

6.1. Direito

6.2. Utilidade

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

**Aula 3. O fracasso do Iluminismo:
da negação da virtude ao moralismo, utilitarismo e positivismo**

6.3. Eficiência (ciência) – razão instrumental (esteta, burocrata, terapeuta)

6.3.1. Ideologia da ciência – razão instrumental, burocrática

6.3.2. Positivismo e Mecanicismo: distinção entre fato e valor

7. Rejeição da teleologia de Aristóteles

7.1. Teológica – Lutero e Calvino (p. 101-102)

7.2. **Epistemológica – Mecanicismo**, Ciência Moderna (p. 140; 145)

7.2.1. Legitimidade racional-burocrática (p. 151-152)

7.2.2. questão de filosofia das ciências sociais: distinção entre fato e valor

7.2.3. generalização de fatos na forma de leis: previsibilidade – fracasso

7.2.4. engenharia social: manipulação do comportamento

7.2.5. Autores relacionados:

7.2.5.1. Voegelin, *Nova Ciência da Política*

7.2.5.2. Strauss, *Direito natural e história*

7.2.5.3. Finnis, *Lei natural e direitos naturais*

Aula 4. Nietzsche ou Aristóteles?

I. Introdução: importância da disjuntiva (e do cap. 9)

1. Recapitulação dos caps. 1-8 – modernidade
2. Transição para o pensamento clássico de Aristóteles e da teoria das virtudes cap. 10
3. Desfecho marca essa oposição novamente (cap. 18)

II. Recapitulação da tese fundamental: desordem na teoria e prática

1. Hipótese fundamental: a visão contemporânea do mundo é weberiana: “nossa cultura não conhece movimento organizado rumo ao poder que não seja burocrático e administrativo no modo e não temos conhecimento de justificativas para a autoridade que não sejam weberianas na forma” . (p. 189).

1.1. Características

1.1.1. Legitimidade racional-burocrático: razão técnica-instrumental

1.1.2. Individualismo burocrático: impessoal e alienante, em que as pessoas são substituíveis

1.1.3. Distinção positivista entre fato (descrito cientificamente) e valor (subjetivo e arbitrário)

1.1.4. Relativismo de Nietzsche

1.2. Dois tipos de protestos a essa afirmação e as respostas:

1.2.1. Pluralismo, e não apenas a lógica da razão burocrática (tese tipicamente weberiana)

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 4. Nietzsche ou Aristóteles?

1.2.2. Marxismo

1.2.2.1. Torna-se weberiano sempre que chega ao poder, social-democracia

1.2.2.2. Tirania brutal (cap. 18)

1.2.2.3. Fantasia nietzscheana (cap. 18)

1.2.2.4. Esgotado como tradição política, vítima da fragmentação da linguagem moral moderna

1.2.2.5. Secreta um individualismo radical

1.3. Disfarce e simulação – sucesso

1.4. “Ideologia” - “máscaras e dissimulações” (p. 191).

1.4.1. Teoria da ideologia: “conjunto de sintomas disfarçados de diagnósticos” , “disfarce de preferências arbitrárias”

1.4.2. Discurso moral e político a serviço da vontade arbitrária

1.4.2.1. Emotivismo: expressão e persuasão

1.4.2.2. Projetar o subjetivo particular no objetivo geral

1.4.2.3. Vulgarização do discurso moral: lógica do direito, protesto e desmascarar

III. Nietzsche como denunciador implacável do fracasso moderno

1. Nietzsche percebeu e hostilizou, como ninguém, “essa flexibilidade generalizada do discurso moral moderno” (p. 192)

Aula 4. Nietzsche ou Aristóteles?

2. Genealogia nietzscheana como crítica necessária e insuperável da crise da moral moderna

3. Tese: desordem teórica e prática da ética moderna: fragmentos descontextualizados e amputados do sentido originário: dois “fantasmas”

3.1. Deontologia – lei divina

3.2. Teleologia – natureza humana

4. Dois estágios da moralidade (regras de proibição, interdito)

4.1. Ordem: contexto que lhe dá inteligibilidade

4.2. Crise: privação desse contexto e consideração de que a moral é arbitrária (tabu, moralismo)

4.2.1. antropologia, Deuteronômio – cosmologia e taxionomia

4.2.2. Ex: Moral sexual católica – família (antropologia e racionalidade)

4.3. Teoria sem história é sempre falsa: Necessário entender a passagem da ordem ao caos (p. 195)

5. Nietzsche

5.1. Ele entendeu mais claramente do que o emotivismo (f. analítica) e o existencialismo (f. continental) que os apelos à objetividade disfarçavam a vontade subjetiva. Ele mesmo generaliza o estágio de crise da moralidade e do cristianismo a uma lei universal

5.2. Refutação do projeto do Iluminismo: *A gaia ciência* (§335, *Viva a física!*): impossibilidade de fundamentar a moralidade:

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 4. Nietzsche ou Aristóteles?

5.2.1. Nem sentimentos íntimos e consciência (Rousseau)

5.2.2. Nem imperativo categórico universalizável (Kant)

5.3. Destruição (crítica, marteladas)

5.3.1. Neutralização das “ficções” de direitos naturais, utilidade, liberdade...

5.3.2. A razão é substituída pela vontade: “Nós, porém, queremos nos tornar o que somos – seres humanos que sejam novos, singulares, incomparáveis, que se outorgam leis, que criam a si mesmos”

5.3.2.1. Sujeito moral autônomo, não pela razão, mas pela vontade

5.3.2.2. Autoafirmação aristocrática (que ele via nos heróis homéricos)

5.4. Nietzsche é “o maior filósofo moral” , comparado com os iluministas

5.4.1. Na perseverante pesquisa do problema e não nas soluções

5.4.2. O irracionalismo profético de Nietzsche permanece imanente às formas administrativas weberianas da nossa cultura

5.5. Irracionalismos proféticos de esquerda e de direita:

5.5.1. marxismo contemporâneo e o radicalismo estudantil da década de 1960 (Bloom, *O declínio da civilização ocidental: nietzscheização da esquerda*)

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 4. Nietzsche ou Aristóteles?

5.6. Kamehameha II da tradição européia: aquele de, facilmente, derruba os tabus. Transvalorização de todos os valores (Voegelin)

IV. Transição para Aristóteles: Sociologia de Goffman: Honra e Insulto

6. Sociologia do Cotidiano de Erving Goffman

6.1. Pressupõe a filosofia moral de Nietzsche (filosofia moral e sociologia: práticas e instituições)

6.2. Emotivismo: a meta é a eficiência: vazio de modelos objetivos de realização, não há espaço cultural ou social para apelar a modelos, sucesso é qualquer coisa que se passe por sucesso, a falta para com o outro

6.3. HONRA

6.3.1. Aristóteles: “o bem para o homem consiste na posse da honra, sendo ela precisamente o que abarque e expresse a consideração dos outros” (p. 200).

6.3.2. A honra é secundária, primário é aquilo em função do qual a honra é conferida;

6.3.2.3. Goffman: atribuir honra faz parte de uma realidade social inventada, é um menos do que uma “sociologia cínica” , porque sequer há mérito objetivo para ser desconsiderado

6.4. INSULTO

6.4.1. Sociedades pré-modernas:

6.4.1.1. honra: o que é devido, o lugar na ordem social;

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

Aula 4. Nietzsche ou Aristóteles?

6.4.1.2. desonra: não reconhecer o que é devido;

6.4.1.3. a relevância dada ao insulto (punição com a morte).

6.4.2. Sociedades modernas: os insultos expressam emoções e não conflitos públicos.

6.4.3. Mundo homérico, caso da Ilíada

6.4.3.1. Time (honra) – expressão tangível da honra, como presentes visíveis (Briseida)

6.4.3.2. Kleos (glória, fama) – “o que dizem de você” – reputação

6.4.4. Crimes contra a honra

6.4.4.1. Calúnia – imputar um crime

6.4.4.2. Difamação – honra objetiva

6.4.4.3. Injúria – honra subjetiva

V. Falência do projeto moderno e o retorno a Aristóteles

7. Projeto moderno: “novos” fundamentos racionais seculares para a moralidade

7.1. Contra Aristóteles e Aquino

7.2. Se Nietzsche rejeita o projeto moderno, o que fazer?

7.2.1. Pós-moderno – Foucault

7.2.2. Pré-moderno – Aristóteles

7.2.3. Moderno – Habermas, Apel (Kant)

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

Aula 4. Nietzsche ou Aristóteles?

7.3. Nietzsche considera que “toda” moral é infundada, seja moderna, seja clássica. Considera a modernidade uma mera continuação do projeto socrático e cristão de fundar, metafisicamente, a moralidade

7.4. MacIntyre: o projeto moderno fracassou exatamente por causa da rejeição a Aristóteles (à teleologia, às virtudes)

8. O aristotelismo:

8.1. As opiniões do mundo antigo e medieval debatiam com o aristotelismo.

8.2. Justificou-se numa grande variedade de contextos: grego, islâmico, judaico e cristão.

8.3. A modernidade percebeu que atacar o mundo antigo se resumia em derrubar o aristotelismo.

8.4. “O aristotelismo é, *filosoficamente*, a mais poderosa modalidade pré-moderna de pensamento moral” .

8.5. É impossível sustentar um tese moral sem ser *mais ou menos* aristotélico.

8.6. Não há terceira opção.

8.6.1. Ou dar continuidade ao projeto iluminista, destrutivo e cético, fracassado e criticado por Nietzsche

8.6.2. Ou verificar uma ética (filosófica e sociologicamente) mais consistente

9. *Três versões rivais de investigação moral:*

9.1. Enciclopédia – Kant

9.2. Genealogia – Nietzsche

9.3. Tradição- Aquino

10. Duas formas de **vida** (não apenas duas teorias)

10.1. Platão mostra nos diálogos: as filosofias são percepções do mundo (visões-do-mundo)

10.2. Qual teoria (moral) escolher? Como escolher? (p. 205)

10.3. Que tipo de pessoa devo tornar-me?

11. Modernidade: pergunta abstrata (deontologia)

11.1. Quais normas devemos obedecer? Por que devemos obedecer a elas?

11.2. Dworkin: prioridade do justo sobre o bem

11.3. Rawls: virtude é a predisposição de obedecer a normas

11.4. Mas são as virtudes que embasam as normas. Quando estas entram em crise, devemos nos preocupar com aquelas.

12. Nietzsche como culminância do individualismo liberal (cap. 18; p. 432-433)

12.1. apenas uma faceta da cultura moderna de que ele se considerava um crítico implacável, não uma superação do individualismo liberal

12.2. "O homem nietzscheano, o *Übermensch*, o homem que transcende, até hoje não encontrou o seu bem..." ; sem bens, virtudes, comunidades, práticas...

12.3. Antagonista supremo da tradição aristotélica. A partir desta tradição, pode-se entendê-lo e criticá-lo

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 4. Nietzsche ou Aristóteles?

13. Retorno a Aristóteles

13.1. Tradição clássica a que ele pertence e de que é o maior representante

13.2. A começar pelos heróis aristocráticos, cantados por Homero, dos quais Nietzsche se considerava o último herdeiro

14. Nova Idade das trevas: necessidade de (re)construir formas locais de comunidade, dentro das quais se possa sustentar a civilidade e a vida intelectual e moral durante a nova Idade das Trevas que já estamos vivendo...” (p. 441)

14.1. S. Bento

14.2. Tradição filosófica católica – Santo Tomás de Aquino

14.3. Questão da Universidade

Aula 5. Narrativa heróica, função social e crítica das virtudes

I. A virtude nas sociedades heróicas (Cap. 10)

1. Educação moral "mimética" na Cultura clássica (grega, romana, cristã, renascentista)

1.1. Narrativas e "histórias" (mitos): exemplos de virtudes e vícios (heróis)

1.2. Veracidade histórica irrelevante

1.3. História "mestra da vida" (Cícero)

1.4. Imaginário moral (R. Kirk)

1.5. Desejo mimético (R. Girard)

1.6. Projeto Dialético: Formação Humanista; Clássicos; Filosofia e Direito

2. Virtudes fundamentais bem definidos, bem como o papel-estrutura social do indivíduo, com os deveres e privilégios decorrentes de cada função.

2.1. "Aretê" - Virtude ou excelência no desempenho de uma função específica.

2.2. Sociedades heróicas só podem ser devidamente compreendidas se analisadas no seu contexto social específico. O estudo de suas virtudes é, portanto, imprescindível para o entendimento da sociedade.

2.3. Identidade individual provém do papel social (instituição que promove um bem, interno e externo, cuja consecução caracteriza a virtude).

2.4. Virtude é a ação excelente que alcança o bem, a finalidade da prática institucional

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

Aula 5. Narrativa heróica, função social e crítica das virtudes

2.5. Destino, morte e coragem: o herói homérico têm um destino fixo, isto é, um lugar definido na sociedade e caminha inexoravelmente para a morte.

2.5. A coragem, enquanto disposição para aceitar tal esquema e cumprir sua função, constitui qualidade necessária para a sociedade. O homem corajoso é aquele que sabe o que deve fazer e o faz, independente da morte que o espera sempre ao final.

3. Eu moderno-emotivista x Eu heróico (comunitarismo: tese do eu enraizado, vinculado)

3.1. Eu moderno se compreende se afastando de um determinado ponto de vista

3.2. Eu heróico: só pode compreender quando inserido na tradição social narrativa na qual ele está inserido e que lhe permite a inteligência da ação.

3.2.1. Decisões se dão dentro de uma estrutura social prévia

3.2.2. A estrutura, ela mesma, é insuscetível de ser escolhida

3.2.3. Sempre inserido, enraizado

3.2.4. Identidade: particularidade e responsabilidade

4. Lições da sociedade heróica:

4.1. moralidade vinculada à sociedade histórica particular (contraponto à ilusão idealista da universalidade abstrata moderna)

4.2. virtudes vinculada à tradição herdada

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

Aula 5. Narrativa heróica, função social e crítica das virtudes

5. Síntese do argumento: estrutura moral unitária das sociedades heróicas (representada na **narrativa épica** que toma, pela primeira vez, consciência plena desse esquema)

5.1. Papel social de cada indivíduo

5.2. Virtudes ou excelências como qualidades do indivíduo dentro de seu papel

5.3. Condição humana frágil e vulnerável ao destino e à morte, de modo que ser virtuoso é agir de acordo com tal verdade.

6. Questionamento duplo (humanismo de MacIntyre)

6.1. Pode-se interpretar a vida humana como um todo nos termos de vitória derrota e vitória? (eudaimonia: realização, plenitude, harmonia)

6.2. Qual é a forma da filosofia moral? Conceitual-discursiva ou narrativa-mimética?

II. As virtudes em Atenas: ágon entre poetas, sofistas e filósofos (cap. 10 e *Justiça de quem? Qual racionalidade?*)

1. Contexto geral: transição agônica: muitas das principais características morais das sociedades clássicas e cristãs surgem da dificuldade de ligar as virtudes dos escritos das sociedades heroicas à prática real.

2. A incoerência entre a sociedade clássica e a sociedade homérica é mostrada, principalmente, na tragédia *Filoctetes*, de Sófocles: Odisseu e Neoptólemo são dois exemplos incompatíveis de conduta honrada.

Aula 5. Narrativa heróica, função social e crítica das virtudes

3. O conceito das virtudes sofre uma mudança na medida em que a principal comunidade moral deixa de ser a família (grupo de parentes) e se torna a cidade-estado, a democracia ateniense em especial.

3.1. Essa diferença ocorre não apenas por uma mudança nas formas sociais, mas porque em Atenas as virtudes deixam de estar relacionadas a um papel social.

3.2. Para o homem homérico, não existe padrão externo às estruturas de sua comunidade.

3.3. O ateniense possui uma compreensão das virtudes que lhe confere padrões para questionar a sua própria comunidade.

3.4. Surgimento da Filosofia Moral, Ética, (Poesia e Sofística): (auto)crítica

3.5. Questionar a cidade (no palco ou no tribunal)

4. Pontos da discordância moral entre Sociedade Homérica e Ateniense

4.1. Em Atenas, coexistem concepções rivais da mesma virtude e existe discordância sobre o conteúdo das virtudes. (Democracia, "Pluralismo")

4.1.1. Discordância semântica sobre o significado das virtudes

4.1.2. Diálogos Platônicos, Sócrates, Autoridade e Sofistas: amizade, coragem, autocontrole, sabedoria, justiça

4.2. Nas sociedades homéricas a justiça está claramente relacionada a uma ordem cósmica, e em Atenas é possível se perguntar se é ou não justiça fazer o que a ordem estabelecida exige.

5. *Agon* (competição):

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

Aula 5. Narrativa heróica, função social e crítica das virtudes

5.1. Atenas clássica: dimensão social de busca comum pela excelência da cidade no drama, na filosofia e na política.

5.2. “Dialética” , confronto: (Burckhardt, Nietzsche)

5.3. Público comum: moralidade comunitária compartilhada, ainda que em crise, para representar conflitos políticos

II. SOFISTAS

1. Relativismo: não existe justiça como tal, em si

2. “Pragmatismo” eficácia pragmática: sucesso individual em cada cidade

3. Educação dos jovens aristocráticos (ricos, que podem pagar) para o sucesso (demagógico) na polis democrática

4. Redefinição das virtudes para fins pessoais e convencionais

5. Cálices (Górgias) – cinismo, redefinição (Trasímaco: justiça do mais forte)

5.1. Inteligência para dominar

5.2. Dominação para satisfazer seus desejos de forma ilimitada

III. PLATÃO

1. Virtude é a devida função de cada parte da alma (Psicologia racional do *Fédon* e da *República*)

2. As virtudes são interligadas entre si e não podem entrar em conflito umas com as outras

2.1. Justiça como virtude arquitetônica na *República*

2.2. Drama trágico é “impossível” .

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

Aula 5. Narrativa heróica, função social e crítica das virtudes

3. Aristóteles e Tomás de Aquino, tal como Platão, defendem a unidade das virtudes, que refletem uma ordem cósmica
4. liberalismo moderno (emotivismo; Weber)
 - 4.1. Pluralismo: virtudes incompatíveis e incomensuráveis
 - 4.2. Reconciliação ou imposição é autoritária (prioridade do justo sobre o bem) – Isaiah Berlin

IV. TRAGÉDIA (Sófocles): conflito entre virtudes políticas e familiares

1. Ordem moral objetiva, mas com interpretações diversas
2. O herói de Sófocles tem um **papel social**, mas, diferentemente do herói homérico, transcende esse papel, ao encontrar e reconhecer o conflito moral.
3. O eu sofocleano consegue questionar e transcender seus papéis sociais, diferentemente do eu heroico, mas continua responsável pelo modo como se comporta dentro do conflito, diferentemente do eu emotivista.
4. Virtudes – ordem narrativa da vida humana: Sucesso ou fracasso, conforme as excelências que alcançam os fins (bens)
5. Drama trágico: Destino individual x social
 - 5.1. Destino não é só individual, mas comunitário
 - 5.2. Se a virtude individual é a excelência numa função social (ordem objetiva)
 - 5.2.1. A cidade também é um personagem dramático que interpreta a “sua” história
 - 5.2.2. Tradição: narrativa individual e social

Aula 6.1. Aristóteles e a tradição clássica: virtudes, bens e prudência

0. Introdução

- 0.1. Capítulo mais importante e um dos maiores da obra
- 0.2. Tratamento mais atencioso e detido a Aristóteles (do que Kant e Nietzsche), como acontece com outros filósofos contemporâneos, que também praticam esse “reducionismo” e tratam superficialmente Platão, Aristóteles ou Aquino quando querem refutá-los

1. Papel de Aristóteles e a tradição (cristã)

- 1.1. Protagonista da Tradição Clássica, forma “racional” de ética, contra a qual é oposta a tradição liberal
- 1.2. Herdeiro de uma tradição viva:
 - 1.2.1. *Contra* o próprio Aristóteles: ciência cristaliza definitivamente a doutrina
 - 1.2.2. Antecessores: Platão e Homero
 - 1.2.3. Sucessores: Tomás de Aquino e MacIntyre: “A importância de Aristóteles, portanto, só pode ser especificada segundo um tipo de tradição cuja existência ele mesmo não reconheceu, e não poderia ter reconhecido. E assim como a ausência de qualquer noção do especificamente histórico – no nosso sentido – em Aristóteles, bem como em outros pensadores grego, impede Aristóteles de reconhecer seu próprio pensamento como parte de uma tradição, também limita gravemente o que ele pode dizer acerca da narrativa. Por conseguinte, a

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 6.1. Aristóteles e a tradição clássica: virtudes, bens e prudência

“tarefa de integrar o que Aristóteles disse sobre as virtudes ao tipo de tese acerca da relação entre virtudes e formas de narrativas que afirmei estar presente nos autores épicos e trágicos tem de esperar – uma espera longuíssima – por sucessores de Aristóteles cuja cultura bíblica os tenha ensinado a pensar historicamente.” (p. 250)

1.3. Tradição: progride ou decai (p. 250)

2. Ética como Teoria sobre o BEM (virtudes)

2.1. Ética a Nicômaco como texto canonizado pela tradição, inclusive cristã

2.1.1. Notas de aulas, compiladas por discípulos

2.1.2. Compactação, repetição, remissão imprecisa

2.2. Ponto de Partida “político” , “sociológico”

2.2.1. Não faz uma “nova” e “original” teoria das virtudes

2.2.2. Método “endoxástico”

2.2.3. Voz racional dos melhores cidadãos da melhor cidade-estado

2.2.4. Teoria pré-filosófica implícita: cidade-estado é a única forma política na qual as virtudes da vida humana podem ser genuína e totalmente expostas

2.3. Bem como Finalidade

2.3.1. “Toda atividade, toda investigação, toda prática tem algum bem como finalidade”

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 6.1. Aristóteles e a tradição clássica: virtudes, bens e prudência

2.3.2. Falácia naturalista (G. Moore): declarações sobre o bem e o justo são factuais (e não normativas)

2.3.3. Natureza específica: certos objetivos e metas, de modo que se movimentam pela natureza rumo a um *telos* específicos

2.3.4. Biologia metafísica: natureza (espécie) teleológica (fim específico)

2.3.5. Teoria do bem

2.3.5.1. Local e particular – “política” (nomos) - lei positiva

2.3.5.2. Universal e cósmica – natureza humana (physis) – lei natural

2.4. O que é, afinal, o bem para o ser humano (homem)?

2.4.1. Não consiste em Dinheiro, honra e prazer

2.4.2. Mas na Eudaimonia: “felicidade”

2.4.2.1. estado de fazer o bem

2.4.2.2. fazer o bem - virtudes

3. Virtude

3.1. Arete, excelência: qualidade cuja posse permite ao indivíduo atingir a “eudaimonia” e a falta delas frustra seu progresso rumo a esse *telos*

3.2. Tipos de Relação entre Meios e Fins

3.2.1. Relação Independente (meios extrínsecos e dispensáveis para a consecução posterior do fim)

3.2.2. Relação Integrada – o exercício do meio já é parte do fim: “Mas o exercício das virtudes não é, nesse caso, *um* meio para o fim do bem para

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 6.1. Aristóteles e a tradição clássica: virtudes, bens e prudência

o homem, pois o que constitui o bem para o homem é uma vida humana completa, vivida da melhor forma possível, e o exercício das virtudes é uma parte necessária e fundamental de tal vida, e não um mero exercício preparatório para garantir tal vida” (p. 254)

3.3. Correção do fim

3.4. Educação moral: Caráter, Afetos e Sentimentos

3.5. Agente moral instruído:

3.5.1. Agir e pensar: saber por que se age assim, qual é o fim

3.5.2. Não depender dos talentos naturais

3.5.3. Juízo verdadeiro e racional, fundamentado

3.5.4. Discerne o *verdadeiro* do *falso* bem, do que lhe *parece* bem

3.6. Prazer como *telos*

3.6.1. Acompanha a aquisição da excelência (padrões de desempenho)

3.6.2. Identifica-se com a satisfação ou felicidade

3.6.3. Mas a felicidade não se confunde com o prazer (sensação subjetiva), porque o prazer também depende da sociedade e da utilidade

4. Virtude da PRUDÊNCIA – discernimento, razão prática

4.1. Capacidade de julgar casos particulares, situações concretas e, por conseguinte, fazer o certo

4.1.1. no lugar certo - espaço

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 6.1. Aristóteles e a tradição clássica: virtudes, bens e prudência

4.1.2. na hora certa – tempo

4.1.3. da maneira certa – modo

(Retórica: o que dizer – conteúdo; como dizer – modo;

quando dizer – oportunidade; a quem dizer – auditório)

4.2. Não é mera “aplicação de normas” . de forma rotineira e irrefletida

4.2.1. Lógica subsuntiva

4.2.2. Dinâmica: importância da experiência

4.3. Silogismo Prático

4.3.1. Contexto teleológico o raciocínio: desejos e metas implícitas

4.3.2. Premissa maior: fazer algo para alguém - regra geral

4.3.3. Premissa menor: ocorrência da regra geral

4.3.4. Conclusão: deliberação, ação

4.3.5. Relação entre virtude intelectual (dianoética) e moral (ética)

4.3.5.1. Razão não pode ser escrava das paixões

4.3.5.2. Educação das paixões

4.4. Prudência como “supervirtude” : aplicação das demais virtudes

(como a justiça na *República*)

4.4.1. Virtude intelectual (adquirida por instrução) sem a qual não se pode exercer nenhuma virtude do caráter (adquirida por experiência, exercício habitual)

4.4.2. Transformar as disposições de caráter em hábitos racionais prudentes

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 6.1. Aristóteles e a tradição clássica: virtudes, bens e prudência

4.4.3. Sem virtudes éticas, a prudência se degenera em astúcia

4.4.4. Calculismo instrumental de eficácia de meios para qualquer fim, sem discernimento sobre os fins legítimos

4.4.5. Oposição ao mundo moderno, em que a inteligência (razão pura) é diferente da moralidade (razão prática). Cf. personagens modernos, como o especialista burocrático, cuja vida é fragmentada

Aula 6.2. Aristóteles: justiça, amizade, bem comum e liberdade

1. Leis e Justiça

- 1.1. Pouca menção a leis na EN
- 1.2. Ética e política: parte da moralidade é obedecer às leis justas
- 1.3. Certos tipos de atos são totalmente proibidos ou obrigatórios
 - 13.1. Leis naturais e universais – delitos absolutos
 - 1.3.2. Leis convencionais e particulares – penas variáveis
- 1.4. Virtudes e a moralidade das leis
 - 1.4.1. Indivíduo como Animal Político
 - 1.4.2. Comunidade projeto de bem comum (amizade)
 - 1.4.3. regras de justiça
 - 1.4.4. Duas formas de vício
 - 1.4.4.1 virtude deficiente: insuficientemente bom (contribuição desprezível)
 - 1.4.1.2. delito: errar intencionalmente, destrói as relações que viabilizam a busca comum do bem (homicídio, roubo, perjúrio e traição)
- 1.5. Virtude da JUSTIÇA: aplicação das LEIS
 - 1.5.1. Dar a cada um o que ele merece
 - 1.5.2. Critérios racionais de mérito
 - 1.5.3. Acordo sobre esses critérios
- 1.6. Leis Genéricas – prudência
 - 1.6.1. Casos sem previsão direta das leis
 - 1.6.2. Agir conforme a razão: equilíbrio entre dois extremos, de acordo com as circunstâncias

2. Unidade, interdependência e hierarquia das virtudes

2.1. As principais virtudes estão intimamente ligadas umas às outras

2.2. Medida complexa

2.3. Herança de Platão

2.3.1. Superação do conflito (trágico) pela unidade ética (individual) e política (social)

2.3.2. "As virtudes estão todas em harmonia mútua e a harmonia do caráter de cada pessoa se reproduz na harmonia do estado. A guerra civil é o maior dos males"

2.3.3. "O conflito é simplesmente o resultado das falhas do caráter dos indivíduos ou de acordos políticos irracionais"

2.3.4. Vida boa – singular e unitária, composta por uma hierarquia de bens e um princípio superior de ordenação (como Deus, em Tomás de Aquino)

2.4. Filosofia como conciliação

2.4.1. Superação da Tragédia (Nietzsche)

2.4.2. Idéia homérica de que o conflito é a condição humana essencial

2.4.3. Heráclito: conflito é o pai de todas as coisas

2.4.4. Herói trágico fracassa por um erro (e não porque a situação humana seja às vezes irremediavelmente trágica)

2.4.5. Teologia de Aristóteles: divindade pessoal e imutável, autoperscrutante, Não interessada em conflitos e dilemas humanos (diferente da concepção dos trágicos)

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 6.2. Aristóteles: justiça, amizade, bem comum e liberdade

2.4.6. Contemplação metafísica do divino realiza o *telos* humano específico e supremo, que não prescinde dos bens políticos (sociais como a amizade)

2.4.7. Tensão entre o homem essencialmente político e essencialmente metafísico: “Para Aristóteles, a forma trágica da narrativa é encenada quando, e somente quando, temos um herói com um falha, uma falha na inteligência prática que brota da posse ou do exercício inadequado de alguma virtude. Num mundo onde todos são bons, portanto, não haveria herói trágico para retratar.” (p.277)

2.4.8. Para o pensamento trágico, o conflito do bem com o bem independente do vício (erro) dos indivíduos, mas é constitutiva da natureza humana e política

3. Amizade: comunidade política com um projeto de bem comum

3.1. Comunidade: indivíduos que se unem para alcançar bens comuns, os quais individualmente não alcançariam

3.2. União pressupõe regras (acordos) a respeito dos bens (fins) e as virtudes (meios morais), que unifica os amigos

3.3. Essa união em torno dos bens e virtudes constiu a polis

3.4. A justiça recompensa os méritos e retifica o demérito dentro de uma comunidade constituída pela amizade (comunitarismo)

4. Liberalismo moderno: pluralismo

4.1. Amizade: vida privada, neutralizando a “amizade pública” (senso cívico de pertença, responsabilidade e dever)

4.2. Afeto, “gosto” torna-se questão primária – estado emocional, e não relacionamento social e político

4.3. Abandono da unidade moral: “a sociedade política liberal moderna só pode surgir como um conjunto de cidadãos de lugar nenhum que se agrupam em troca de proteção em comum. Possuem, na melhor das hipóteses, aquela forma inferior de amizade que se fundamenta na vantagem mútua.” (p. 266)

4.4. Liberalismo condena a simplificação exagerada da complexidade do bem humano

4.4.1. Constituição da subjetividade

4.4.2. Imposição da “unidade” : exclusão dos “diferentes”

4.4.3. Sociedade ateniense: diversidade de valores, de conflitos entre bens, de virtudes que não formam uma unidade simples, coerente e hierárquica – idealização

4.4.4. política liberal moderna: administração do conflito, da divergência, do fato irreduzível do pluralismo inclusivo do diferente

5. Liberdade

5.1. cidadão: homem livre, que pertence à polis e participa integralmente do bem comum humano: “O eu livre é simultaneamente súdito político e soberano político. Assim, envolver-se em relações políticas implica liberdade de qualquer posição que seja de mera sujeição. Liberdade é o pressuposto do exercício das virtudes e da realização do bem.”

5.2. Exclusão dos não-gregos, bárbaros da liberdade política

5.2.1. Incapacidade “natural”

5.2.2. Cegueira geral da sua cultura: Natureza fixa, não-histórica

5.2.3. Indivíduos, como membros da espécie, tem um *telos* fixo

5.2.3.1. Mas não existe uma história (narrativa) da polis, da Grécia ou da humanidade rumo a um *telo*

5.2.3.2. História só lida com indivíduos

5.2.3.2.1. Poesia com “tipos”

5.2.3.2.2. Ciência – essenciais universais, não com indivíduos contingentes

5.2.3.3. Aristóteles não entendia a transitoriedade da polis, de como os homens poderiam passar de escravos ou bárbaros para cidadãos

5.2.3.3.1. Escravos por natureza

5.2.3.3.2. Conhecer, cientificamente, a natureza do escravo

Aula 7.1. Teoria da virtude: Prática e Instituição

0. Contextualização na obra DV

0.1. Cap. 13-14. Herança aristotélica na Idade Média

0.1.1. Próxima aula, sobre Tomás de Aquino

0.2. Cap. 14-15. Natureza das virtudes

I. Introdução: Conceito complexo, tripartido de VIRTUDE

1. Conceito “histórico” (hermenêutico): expressa a história da qual ele é consequência

2. Conceito “sociológico” : sempre requer, para sua aplicação, a aceitação de alguma explicação anterior de certas características da vida social e moral segundo as quais deve ser definido e explicado

2.1. Fato social (Durkheim): anterioridade

2.2. Homero: papel social

2.3. Aristóteles: vida boa para o homem

2.4. Franklin: utilidade

3. Três estágios no desenvolvimento lógico do conceito

3.1. PRÁTICA

3.2. Ordem NARRATIVA da vida humana singular

3.3. TRADIÇÃO moral

II. Prática

1. Introdução

1.1. Homero: excelência num **papel social** específico: guerra, jogos, família, assembléia, poesia

1.2. Aristóteles: excelência numa **prática humana**: guerra, flauta, geometria (Campo onde se “praticam” as virtudes)

2. Definição: “Qualquer forma coerente e complexa de atividade humana cooperativa, socialmente estabelecida, por meio da qual bens internos a essa forma de atividade serão realizados durante a tentativa de alcançar os padrões de excelência apropriados para tal forma de atividade, e parcialmente definidos, tendo como consequência a ampliação sistemática dos poderes humanos para alcançar tal excelência e dos conceitos humanos dos fins e dos bens envolvidos.” (p. 316)

2.1. Exemplos e antiexemplos: Artes, ciências, jogos, política, família

3. Bens internos e externos

3.1. internos: específicos, intrínsecos

3.1.1. Xadrez: capacidade analítica, imaginação estratégica, intensidade competitiva – concentração, memória, antecipação, pensamento rápido

3.1.2. Independente das consequências extrínsecas (ex. doces, troféus, fama, glória)

3.1.3. Só podem ser especificados dentro do Xadrez

Aula 7.1. Teoria da virtude: Prática e Instituição

3.1.4. Só podem ser identificados e reconhecidos pela **experiência** de participar da prática em questão: Ex.: esporte, música, escrita

3.1.5. Duas espécie de bens internos

3.1.5.1. Exceler – superação, desenvolvimento “histórico” (p.319): É na progressão ou declínio que se revelam os fins (bens) da prática

3.1.5.2. Vida do “prático” (pintor)

3.1.6. Beneficia toda a comunidade pelo aumento da excelência da prática

3.2. externos: contingentes, extrínsecos

3.2.1. Prestígio, status, dinheiro

3.2.2. Poder, fama, dinheiro

3.2.3. Sempre propriedade e posse de alguém;
Concorrência: vencedores e derrotados.

4. Obediência à autoridade dos padrões de excelência (Gadamer): “Uma prática implica padrões de excelência e obediência a normas, bem como a aquisição de bens. Ingressar numa prática é aceitar a autoridade desses padrões e a inadequação do meu próprio desempenho ao ser julgado por eles. É sujeitar minhas próprias atitudes, opções, preferências e gostos aos padrões que atual e parcialmente definem a prática. As práticas, naturalmente, como acabo de salientar, têm uma história; jogos, ciências e artes, todas têm histórias. Assim, os padrões propriamente

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

Aula 7.1. Teoria da virtude: Prática e Instituição

ditos não são imunes à crítica, porém, não podemos nos iniciar numa prática sem aceitar a autoridade dos melhores padrões até o momento alcançados [... exemplos da música e do beisebol] No terreno das práticas, a autoridade dos bens e dos padrões funciona de forma a excluir todas as análises subjetivistas e emotivistas do juízo. *De gustibus [non] est disputandum.*" (p. 320)

5. Primeira definição de virtude:

5.1. "qualidade de alcançar os bens internos a uma prática" (p. 321)

5.2. "As virtudes são esses bens que servem de referência, gostemos ou não, para definir nosso relacionamento com aquelas pessoas com quem compartilhamos os propósitos e os padrões que configuram as práticas." (p. 322)

6. Virtudes fundamentais (formais, universais, presentes em todas as práticas, em todas as sociedades)- permitem a cooperação, autoridade, respeito a padrões

6.1. Justiça: dar a cada um o que é devido

6.2. Honestidade: não trapacear, relativizar os bens internos pelo externos

6.3. Coragem: correr risco pelo cuidado e interesse no bem interno

Aula 7.1. Teoria da virtude: Prática e Instituição

7. Prática é “histórica”

7.1. autoridade da tradição

7.2. possibilidade de alteração da finalidade (não se confunde com a técnica - meio, instrumento)

8. Diferente das **instituições**, dedicadas aos bens externos

8.1. Verbas, bens materiais, status, poder, dinheiro, prêmios

8.2. “nenhuma prática sobrevive nenhum período de tempo sem o sustento das instituições” (p. 327). Aprendemos as virtudes das práticas no interior de instituições

8.3. Relação íntima e ambígua: Instituições preservam as práticas, mas podem neutralizá-las, preterindo os bens internos em proveito dos símbolos externos que o comprovariam (Machado de Assis, Teoria do Medalhão – vazio de conteúdo acadêmico em comparação às insígnias externas ostentadas)

8.3.1. Poder corruptor das instituições (**competição**)

X

8.3.2. Virtudes fundamentais das práticas (**cooperação**)

8.4. Suportes sociais da prática

8.4.1. Bastam alguns indivíduos para sustentar os padrões de excelência

8.4.2. Corrupção das instituições é consequência dos vícios (Política, Família, Economia). Dimensão empírica.

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 7.1. Teoria da virtude: Prática e Instituição

9. Modernidade liberal x Tradição das virtudes (p. 328)

9.1. Governo liberal (instituições em geral) não deve formar virtudes

9.2. Governo clássico, sim: Críton, analogia Cidade – País

10. MacIntyre e Aristóteles

10.1. Duas diferenças

10.1.1. virtude *socialmente* x *biologicamente* teleológica
(Contra uma metafísica naturalista)

10.1.2. Conflito não provém de falha de caráter, mas pode haver conflito entre virtudes das práticas; Problema da hierarquia

10.2. Três semelhanças

10.2.1. Semelhança: virtude intelectual e moral; habilidade natural e paixão; prudência...

10.2.2. Adere à noção de prazer e satisfação (contra o utilitarismo. O hedonismo consequencialista e relativista, ao enfatizar no prazer, não distingue bens internos de externos

10.2.3. Avaliação e explicação

10.2.3.1. Contra o positivismo, que distingue fato e valor

10.2.3.2. O fato de ser um conceito sociológico, não implica relativismo. Reconhece o problema das práticas más e incompatíveis e da unidade de vida e hierarquia de bens

Aula 7.2. Teoria da virtude: Unidade narrativa de vida e Tradição

I. Unidade de vida

1. Racionalidade e hierarquia de bens (p. 340, final do cap. 14): “Como classificamos os diversos bens numa hierarquia e, a *fortiori*, se somos racionalmente capazes de assim classificar esses bens. (...)se não houver um *telos* que transcenda os bens limitados das práticas constituindo o bem de toda uma vida humana, o bem da vida humana concebido como uma unidade, fará com que certas arbitrariedades subversivas invadam a vida moral e sejamos incapazes de especificar adequadamente o contexto de certas virtudes.”

2. Objeção moderna:

2.1. Multiplicidade de bens em conflito (virtudes contrapostas)

2.2. Escolhas arbitrárias

2.3. Retorno ao emotivismo e inexistência de um telos dominante (liberalismo, pluralismo e relativismo; I. Berlin)

3. Obstáculo

3.1. Social – fragmentação pós-moderna (Lyotard, jogos de linguagem)

3.2. Filosófico

3.2.1. Filosofia analítica: atomismo, vida como sequência de atos episódicos individuais, sem relação intrínseca entre si

3.2.1.1. Redução da complexidade

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

Aula 7.2. Teoria da virtude: Unidade narrativa de vida e Tradição

3.2.1.2. Isola cada ato humano para analisá-lo separadamente

3.2.1.3. Receita culinária: seqüência de atos integrados, inteligíveis apenas em contextos

3.2.2. F. existencialista (sociologia de Dahrendorf)

3.2.2.1. Separação entre o indivíduo e os papéis que ele interpreta, representa

3.2.2.2. "A rejeição à inautenticidade dos relacionamentos sociais convencionalizados torna-se aquilo em que se reduz a integridade na teoria de Sartre." (p. 344)

3.2.2.3. Liquidação do eu pós-moderno

4. unidade de vida: Identidade unitária: narrativa que une o nascimento à morte: forma de narrativa, com começo, meio e fim

5. Cenário histórico: contexto social em que as ações se dão

5.1. Jardim, casamento....

5.2. Prática ou a instituição: intenção, telos, que instrui a crença, intenção

5.3. Escrita de uma história narrativa

5.4. Interrelação intencional entre o social-histórico e o individual

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude
Aula 7.2. Teoria da virtude: Unidade narrativa de vida e Tradição

6. Inteligibilidade contextual-narrativa e responsabilidade

6.1. Intenções, propósitos, paixões

6.2. Humanamente explicável X meramente natural

6.3. Finalidades morais - Contexto e conversa

7. Vida tem forma narrativa histórica e teleológica – entendê-la é narrá-la:

“É porque todos vivenciamos narrativas nas nossas vidas e porque entendemos nossa própria vida em termos das narrativas que vivenciamos, que a forma de narrativa é adequada para se entender os atos de outras pessoas. As histórias são vividas antes de serem contadas – a não ser em caso de ficção.” (p. 356)

7.1. Biografia, hagiografia, historiografia; Epopeia, romance

7.2. Kafka: história de episódios ininteligíveis, sem incício, nem fim, sem continuidade, sem unidade

7.3. Sartre (*A náusea*): “apresentar a vida humana em forma de narrativa é sempre deturpá-la. Não existem nem podem existir histórias verdadeiras. A vida humana consiste em ações que não levam a lugar nenhum, que não têm ordem; o contador de histórias impõe aos acontecimentos humanos uma ordem retrospectiva que não tinham quando foram vivenciados. (...) os atos humanos são, como tais, ocorrências ininteligíveis.” (p. 360)

7.4. Imprevisibilidade fundamental: generalizações das ciências humanas sempre aproximativas e probabilísticas

7.5. possível futuro compartilhado

7.6. homem: animal contador de histórias

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

Aula 7.2. Teoria da virtude: Unidade narrativa de vida e Tradição

8. Identidade narrativa: O que devo fazer? De que histórias faço parte?
 - 8.1. Educação e imaginário moral (Homero Platão; Kirk, Girard; Chesterton)
 - 8.2. Agente moral: ator de um roteiro narrativo, identidade pessoal
 - 8.2.1. O que é bom para mim?
 - 8.2.2. O que é bom para o homem? (Santo Agostinho, *Confissões*)

9. Conceito medieval de "busca"
 - 9.1. Telos final – bem
 - 9.1.1. Não se revela de antemão, a priori
 - 9.1.2. Integridade e constância
 - 9.1.3. Educação e autoconhecimento
 - 9.2. Virtudes – qualidades que permitem buscar o bem
 - 9.2.1. "Topos" da viagem (BN, Rosa)
 - 9.2.2. Homero, Virgílio, Agostinho, Dante

10. Segunda definição de virtude:
 - 10.1. Bens internos à prática
 - 10.2. Busca pelo bem, autoconhecimento e conhecimento do bem

II. Tradição (p. 369)

1. Identidade narrativa, social, histórica

1.1. Impossível buscar o bem e exercer virtudes *qua* indivíduo

1.2. Contexto social e histórico da identidade individual

1.3. Papeis sociais que contextualizam o “ponto de partida moral”

1.3.1. Diferente da identidade individualista, atomizada, emotivista; Individualismo moderno: eu emotivista – ego desenraizado, desvinculado; Eu destacável de seus papéis e *status* sociais e históricos)

2. Possibilidade de crítica da identidade particular em direção a uma universal, de forma analógica (Barzotto, Aquino)

2.1. Impossibilidade de encontrar o universal abstrato (idealismo moderno)

3. Todo indivíduo é herdeiro e portador de uma tradição (hermenêutica)

3.1. Toda prática, todas as virtudes são históricas e intergeracionais, transmitidas, assimiladas e reformuladas, que permitem aferir o progresso ou decadência

4. Tradição como ideologia conservadora

4.1. Conservadores modernos são tão liberais e individualistas quando os autoproclamados liberais que criticam

Curso: Filosofia - Módulo: Ética moderna e clássica: Depois da virtude

Aula 7.2. Teoria da virtude: Unidade narrativa de vida e Tradição

4.2. Burke: tradição (estabilidade) X razão (conflito; utópica, abstrata, revolucionária)

5. Tradição viva: argumentação coerente sobre os bens

5.1. Crítica das utopias, tanto do futurismo modernista quanto do passadismo tradicionalista ("saudosismo conservador")

5.2. Possibilidades futuras que o passado tornou disponível ao presente

Aula 8. Unidade e hierarquia de bens em Tomás de Aquino

I. Depois da virtude (cap. 13)

1. Continuidade da tradição aristotélica na Idade Média
 - 1.1. Rejeição moderna da visão clássica como aristotelismo
 - 1.1.1. Teologia reformada: Lutero, (p. 280), Calvino (p. 101)
 - 1.1.2. Filosofia moderna: Hobbes e Spinoza (a quem Nietzsche tanto admirava)

2. Dificuldade de conciliar as virtudes cardeais pagãs com as teológicas

3. Abelardo: separa Teologia da Filosofia
 - 3.1. vício dif. pecado (NT)
 - 3.2. Interiorização da vida moral
 - 3.3. Ênfase na vontade e na lei (Kant)

4. Estoicismo: **lei** substitui as **virtudes** - legalismo deontológico (modernidade, Kant)
 - 4.1. Aristóteles: essas noções estavam articuladas
 - 4.2. Com a derrocada da polis (império macedônico e romano):
Não há mais bens comuns compartilhados

5. Antigo Testamento – moralidade da lei implacável e absoluta

Curso: Direito - Módulo: Ética dos Direitos Humanos
Aula 8. Unidade e hierarquia de bens em Tomás de Aquino

6. Allain de Lille: filosofia oferece recursos para questões políticas

6.1. Sentido social das virtudes: justiça e bem comum

6.2. Precursor de Tomás de Aquino

7. Virtudes e Narrativa

8. Unidade das virtudes, superação do conflito trágico

II. Superação de um conflito de tradições (*Justiça de quem? Qual racionalidade?*, cap. 10)

1. Tomás de Aquino: integração sistemática de duas tradições

1.1. Teologia revelada – monoteísmo – Agostinho

1.2. Teologia natural – filosófica – Aristóteles

1.2.1. Considerar ambas as tradições a todo momento

1.2.2. Integrar fé e razão numa teologia metafísica unificada

2. Ordenação da heterogeneidade de bens articulados ao Sumo Bem

2.1. Ordem cosmológica na Ética, Política e Metafísica

2.2. Telos final de todas as coisas

2.3. Dialética: “construção na qual toda parte elementar encontra lugar dentro de uma estrutura maior que, por sua vez, contribui para ordem do todo” (p. 189) – Parnofsky

Curso: Direito - Módulo: Ética dos Direitos Humanos
Aula 8. Unidade e hierarquia de bens em Tomás de Aquino

3. Primeiros princípios autoevidentes

3.1. Ser – ordem do conhecer

3.2. Bem – ordem do agir

3.2.1. Tendências ordenadas

3.2.1.1. Ser: autopreservação

3.2.1.2. Animal: ter e educar filhos

3.2.1.3. Racional e social: bens racionais e conhecimento de Deus

3.2.2. Pessoas são capazes de descobrir esses princípios morais, e não apenas deduzi-los dialeticamente

4. Toda educação é a atualização de uma potencialidade

4.1. Mente não distraída pelas imediatez das paixões

4.1.1. Lógica, matemática e física (Platão)

4.2. Ordenar as paixões à luz de um ordenamento de bens

4.2.1. Integridade e unidade de bens a partir do Sumo Bem (Deus) - Finalidade última da existência humana (Aristóteles)

X

4.2.2. Fragmentação, dispersão e heterogeneidade incompatível

4.2.1. Rawls – monomania

4.2.2. Kierkegaard: “pureza de coração é desejar uma única coisa” (p. 182)

Curso: Direito - Módulo: Ética dos Direitos Humanos
Aula 8. Unidade e hierarquia de bens em Tomás de Aquino

5. Lei natural (Aristotélica)

5.1. Expressão racional da lei divina

5.2. Lei positiva é moralmente pedagógica quando se conforma a Lei Natural

5.2.1. O pressuposto de toda pesquisa prática é revelar exatamente os bens humanos básicos, cuja articulação nos torna racionais (John Finnis)

6. Psicologia da vontade (Paulina-Agostiniana)

6.1. Queda: vontade – mal moral – desobediência

6.2. Graça

7. Alcance e limitações desse projeto de fusão

**III. Justiça e racionalidade prática (*Justiça de quem? Qual racionalidade?,,*
Cap. 11)**

1. Intentio, Synderesis, Conscientia (p. 202-203)

2. Razão prática e justiça (p. 206)

2.1. Vontade

2.2. Conhecimento racional de Deus

2.2.1. Justiça – religião: o que se deve a Deus, em termos de honra, glória e adoração

3. Tomás de Aquino herdou quatro elementos de Aristóteles (p. 207)

3.1. Relação teórica e prática entre bens secundários e o supremo bem

Aula 8. Unidade e hierarquia de bens em Tomás de Aquino

3.2. Processo de deliberação sobre o melhor meio para dado bem-fim

3.3. Raciocínio (silogismo prático) premissas maior e menor;
Razão reta – ação reta

3.4. Nenhuma série de bens particulares pode ser o *telos* da vida humana como tal (p. 210), nem dinheiro, honra, prazer (para Tomás de Aquino, poder mundano, “concupiscência dos olhos, concupiscência da carne, soberba da vida”)

3.4.1. Felicidade perfeita – contemplação de Deus na visão beatífica – Fim último dos homens, em que a natureza humana encontra a sua completude. Movimento último rumo à causa final, ao Sumo Bem. Bondade de Deus (Santo Agostinho)

4. Vida prática – pesquisa sobre o bem (fim)

4.1. Princípios necessários (synderesis)

4.2. Educação das virtudes

5. Vida moral começa com regras que indicam à vontade e ao desejo o seu bem (p. 212)

5.1. Até atingir a vontade e desejo perfeitos

5.2. Obediência a regras já pertence à virtude da **prudência**

6. Prudência para compreender os princípios universais da Lei Natural

6.1. Indispensável para o exercício das outras virtudes

Curso: Direito - Módulo: Ética dos Direitos Humanos
Aula 8. Unidade e hierarquia de bens em Tomás de Aquino

6.2. Dimensão teológica que encaminha ao fim último (p. 215)

7. Unidade das virtudes cardeais (p. 216)

7.1. Papel da justiça (objeto de estudo do *Justiça de quem? Qual racionalidade?;*)

7.1.1. 1º. Metafísica Teológica

7.1.2. 2º. Antropologia Moral

7.2. Lei (virtudes naturais) depende da graça (virtudes sobrenaturais)

7.3. Justiça depende da caridade (p. 224)

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: EDIPRO, 2014.

AMAYA, José Manuel Giménez; SANCHEZ-MIGALLÓN, Sergio. *Diagnóstico de La Universidad en Alasdair MacIntyre*. Génesis y Desarrollo de un Proyecto Antropológico. Madri: Universidad de Navarra, 2011.

BARCELÓ, Rafael Ramis. *Derecho natural, historia y razones para actuar*. La contribución de Alasdair MacIntyre al pensamiento jurídico. Madri: Dykinson, 2012.

BASTIT, Michel. *Nascimento da Lei Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CUNNINGHAM, Lawrence S. *Intractable Disputes About the Natural Law: Alasdair MacIntyre and Critics*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame, 2009.

DE CARVALHO, Helder Buenos Aires. *Tradição e Racionalidade na Filosofia de Alasdair MacIntyre*. Paraná: Editora de Universidade Federal do Paraná, 2012.

_____. *Ética das Virtudes em Alasdair MacIntyre*: Tradição, Racionalidade e Bem Humano. Minas Gerais: Philósofos – Revista de Filosofia, 2012

LUTZ, Cristopher Stephen. *Tradition in the Ethics of Alasdair MacIntyre*: Relativism, Thomism, and Philosophy. Lexington Books, 2004.

_____. *Reading Alasdair MacIntyre's After Virtue*. Bloomsbury Academic, 2012.

MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude*: Um Estudo em Teoria Moral. Bauru: EDUSC, 2001.

_____. *Justiça de Quem? Qual Racionalidade?* São Paulo: Loyola, 2010.

Bibliografia

_____. *Three Rival Versions of Moral Enquiry: Encyclopedia, Genealogy and Tradition: Being Gifford Lectures Delivered in the University of Edinburgh in 1988*. Notre Dame, Indiana. University of Notre Dame Press, 1990.

_____. *A Short History of Ethics: A History of Moral Philosophy from the Homeric Age to the Twentieth Century*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 1998.

_____. *Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtues*. Open Court Publishing , 1999.

_____. *God, Philosophy, Universities: A Selective History of the Catholic Philosophical Tradition*. Rowman & Littlefield Publishers, 2009.

_____. *The Tasks of Philosophy: Selected Essays, Volume 1*. Cambridge. Cambridge University Press, 2006.

_____. *The Tasks of Philosophy: Selected Essays, Volume 2*. Cambridge. Cambridge University Press, 2006.

_____. *The Aquinas Lecture: First Principles, Final Ends and Contemporary Philosophical Issues*. Wisconsin. Marquette University Press, 1990.

MCMYLOR, Peter. *Alasdair MacIntyre: Critic of Modernity*. Londres. Routledge, 1994.

MURPHY, Mark C. *Alasdair MacIntyre*. Cambridge. Cambridge University Press, 2003.

SANDEL, Michael J. *Justiça – O que é fazer a coisa certa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

VILLEY, Michel. *Questões de Tomás de Aquino sobre Direito e Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.